

Três Perspetivas & Um Projeto: um verdadeiro trabalho de grupo

Ana de Goes Silvestre

Escola Superior de Educação Instituto do
Politécnico de Setúbal

Diana Pólvora

Escola Superior de Educação Instituto do
Politécnico de Setúbal

Márcia Wergikosky

Escola Superior de Educação do Instituto
Politécnico de Setúbal

Maria Rosário Rodrigues

Escola Superior de Educação do Instituto
Politécnico de Setúbal

Resumo - “Três Perspetivas & Um Projeto: um verdadeiro trabalho de grupo” é o nome do projeto criado por três alunas do Mestrado em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Setúbal que tinha como principal objetivo a partilha de ideias, sentimentos, pensamentos e formas de trabalhar enquanto professoras estagiárias. A nossa ideia incidiu sobre as potencialidades das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e como as poderíamos mobilizar em prol de uma melhoria na nossa prática educativa. A partilha de ideias tem sido uma constante, permitindo uma grande interação, confiança e união entre nós. Inicialmente, pretendia-se que o projeto fosse alargado a outras pessoas, no entanto, durante o percurso, os objetivos foram-se modificando devido a variados fatores, deixando, assim, o projeto em modo pausa. Contudo, nada foi em vão, pois a conquista central foi, de facto, a descoberta do real valor do trabalho de grupo.

Keywords— partilha online; potencialidades das TIC; trabalho de grupo

Abstract - "Three Perspectives & A Project: a real workgroup" is the name of project created by three students of the Master in Teaching 1st and 2nd cycle of basic education of the Setúbal College of Education which had as its main goal the sharing of ideas, feelings, thoughts and ways of working as trainees teachers. Our idea focused on the potential of Information and Communication Technologies (ICT) and how we could mobilize in favor of an improvement in our educational practice. The sharing of ideas has been a constant, allowing for great interaction between us, feeling so increasingly confident and united. Initially, it was intended that the project be extended to other people. However, along the way, the project objectives have changed due to various factors, leaving so the project in pause mode. However, nothing was in

vain, as the central achievement was in fact the discovery of the real value of group work.

I. INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular (UC) As TIC em Contexto Educativo, a docente propôs a construção de um trabalho teórico que nos permitisse explorar ideias da investigação sobre os contributos das TIC para a aprendizagem dos nossos futuros alunos. Este trabalho seria desenvolvido em pequeno grupo (três elementos) e teria como suporte um fórum do espaço *Moodle* disponibilizado para o efeito, onde as estudantes deviam partilhar e discutir as ideias dos textos que daria suporte àquele trabalho teórico. Pouco após este desafio ter sido lançado, iniciámos a nossa primeira experiência de prática pedagógica. Durante este período de intervenção, gerimos uma turma de primeiro ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), responsabilizando-nos pela lecionação dos conteúdos e organização das aulas. Consequentemente, seguiu-se uma fase de muita insegurança, receios e, fundamentalmente, um enorme desejo de os partilhar com alguém que pudesse compreender tudo isto. Como dispúnhamos de um fórum para partilhar ideias, foi com naturalidade que juntámos às leituras teóricas todas as necessidades de partilha destas nossas inseguranças. Assim, a partir do momento em que começámos a utilizar a plataforma *Moodle* para a partilha de ideias, para os nossos desabafos e para uma troca de experiências sobre o que sentíamos sobre o estágio, optámos por dar

continuidade a estas partilhas através do nosso trabalho de grupo, cujo tema era “Os alunos, as TIC e a aprendizagem”.

II. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

O contexto em que ocorreu esta UC foi algo particular, pelo que nos parece útil caracterizá-lo. A nossa turma de mestrado era composta por seis alunos, o que permitia um contacto próximo com os docentes e, conseqüentemente, uma maior facilidade de interação com os pares e com o docente em sala de aula. Nas primeiras semanas de aulas, compareceram quase sempre todos os estudantes, mas, depois, progressivamente, a frequência às aulas foi diminuindo pelo que em algumas delas só compareceram os elementos deste grupo de trabalho, o que estreitou ainda mais esta proximidade e permitiu ir alterando o objetivo inicial do trabalho da UC.

Apesar de termos frequentado a mesma licenciatura e de duas de nós termos pertencido à mesma turma, até ao início do ano letivo, não tínhamos construído nenhum contexto de trabalho que fosse relevante; éramos apenas colegas de um mesmo curso. Contudo, o contexto específico da turma de mestrado acima descrito foi contribuindo para a construção de uma dinâmica muito especial, na qual concluímos que nos completávamos umas às outras. O trabalho desta UC deu-nos a oportunidade de ter um espaço *online* que, à distância, nos permitia ir partilhando as nossas ansiedades. A questão principal reside no facto de termos sentido que estávamos mesmo a trabalhar em conjunto, algo que nunca tinha sucedido anteriormente com outras pessoas e noutros contextos. Desta forma, começámos a aperceber-nos de que, no trabalho em grupo, não temos de ser nós, individualmente, a liderar o trabalho e a tomar todas as decisões. Pelo contrário, para nós, ainda hoje, o trabalho em grupo flui de uma forma natural e genuína, dado que cada uma de nós contribui equitativamente com sugestões e opiniões acerca do trabalho desenvolvido. Assim, à medida que iam surgindo dúvidas ou situações que queríamos partilhar, colocávamos tudo *online* e utilizámos o *Tumblr* para publicar os nossos textos e as atividades que íamos desenvolvendo no estágio. Todas as semanas existiam coisas novas e todas as semanas partilhávamos as nossas experiências umas com as outras, até meados de maio. Depois, a nossa partilha incessante parou durante uns tempos e assim permaneceu em estado inativo.

III. AS ETAPAS DO NOSSO PROJETO

O desenvolvimento do trabalho teórico para a UC iniciou-se com a leitura de alguns textos sobre a temática “Os alunos, as TIC e a aprendizagem” e a sua discussão em sala de aula. Deste modo, o trabalho requisitado inicialmente na UC constituiu apenas um esboço do que seria o resultado final de todo o nosso esforço.

Na primeira reunião do grupo, começámos a aperceber-nos que, mais importante do que o trabalho teórico éramos nós, enquanto estudantes, que estávamos a passar por uma fase única nas nossas vidas. Nós começámos a aperceber-nos que os textos que líamos, o que discutíamos em aula e o que iríamos falar no trabalho de grupo retratava-nos enquanto estudantes. O nosso tema era “Os alunos, as TIC e a aprendizagem” e queríamos um trabalho que nos motivasse. Para que tal acontecesse, sabíamos, desde o início, que teria de ser um trabalho que nos desafiasse, inovasse e que “nos pertencesse”, no sentido de ser compatível com a nossa realidade. Portanto, nós éramos estudantes que utilizávamos as TIC como suporte académico e apoio social e emocional. Tornámo-nos o objeto de estudo, pois o nosso tema caracterizava-nos. Sendo ainda um período em que iniciámos o estágio numa turma de 1.º CEB, vivenciávamos pela primeira vez o que iríamos fazer com tudo aquilo que aprenderamos, pois estávamos a conquistar experiência e a compreender o que implicava orientar uma turma. Queríamos ter sucesso na nossa intervenção, pois ali residia o nosso futuro. Neste contexto, surgiu a ideia de aderirmos às potencialidades das TIC, criando um espaço para partilhar livremente aquilo que sentíamos porque queríamos que este projeto ultrapassasse o típico trabalho académico e que tivesse continuidade, até porque vivíamos os mesmos problemas e a partilha que fazíamos presencialmente e *online* transmitia-nos segurança e gerava ideias de utilização de atividades com os nossos alunos. A partilha iniciou-se nos fóruns do *Moodle*, cruzando as leituras que íamos fazendo com as reflexões críticas, como por exemplo:

Não nos podemos esconder por detrás das nossas inseguranças e ânsias, com a simples desculpa do “não sei”. Tenho uma visão muito direta: **não sabe, aprende**. Não há qualquer problema em não saber. O mal está em não procurarmos estratégias e alternativas para que nos desenvolvamos enquanto profissionais, sem nos deixarmos levar pelas nossas limitações e estagnarmos nas nossas

práticas. Ou seja, *o saber reinventar-se* – como nos disseste.

Na ESE, existiam outras turmas de mestrado que partilhavam connosco esta fase de primeira experiência de estágio e, então, surgiu a ideia de consolidarmos estas nossas partilhas num suporte que mais tarde pudesse ser aberto à participação dos nossos outros colegas. Deste modo, a primeira etapa consistiu em decidir o suporte onde iríamos realizar as nossas publicações. Como conhecíamos bem o blogue e o *Facebook* ponderámos as vantagens e desvantagens de ambos e concluímos que o *Facebook* seria a melhor opção, proporcionando uma visão mais linear dos vários contributos.

Não obstante, estávamos em crer que cada uma de nós deveria ter um símbolo ou algo que a identificasse como um sujeito diferente, ao invés da típica assinatura do nome. Como tal, decidimos que todas deveríamos ter algo em comum e que nos identificasse. O *Wordle*¹, foi a ferramenta tecnológica de eleição, já que se trata de uma aplicação *online*, que permite construir e formatar uma nuvem de palavras a partir de um texto. Criámos o nosso primeiro texto no processador de texto, que englobava, em apenas cinco/seis linhas, a nossa personalidade e, de uma forma muito sucinta, a descrição de cada uma de nós. Designámos por “Bio” (biografia) a nossa primeira publicação, que era identificada com o nosso *Wordle*. Concordámos que cada uma teria a sua cor e o seu *Wordle* seria único, uma vez que somos três pessoas distintas. Contudo, o aspeto geral seria semelhante, porque estávamos a trabalhar em conjunto e queríamos que houvesse um fio condutor do nosso trabalho, ao invés de se parecerem apenas com três partes aglomeradas sem sentido. A ferramenta mencionada permite-nos destacar as palavras mais frequentes dos textos inseridos (alterando o seu tamanho), modificar a cor e o tipo de letra das palavras, o limite de palavras e a sua disposição e, ainda, a cor de fundo. A sua simplicidade e, ao mesmo tempo, versatilidade torna-a num excelente recurso, podendo ser mobilizada em contexto de sala de aula, numa multiplicidade de abordagens de diferentes assuntos.



Figura 1 – A Bio de cada uma das estudantes

A utilização do *Facebook* levantou-nos, porém, dificuldades inesperadas quer na publicação de textos quer na preservação da nossa identidade. Percebemos que a publicação de textos não era simples e que, apesar de termos gerado a nossa imagem gráfica, o perfil que criámos era único e não podíamos usar a nossa Bio. Assim, decidimos mudar o suporte tecnológico de forma a facilitar estes aspetos: partilharmos as nossas ideias, sentimentos, pensamentos e formas de trabalhar. Após alguma exploração, optámos pelo *Tumblr*². Esta plataforma possibilita aos seus utilizadores criar e gerir, de forma gratuita, o seu próprio blogue, oferecendo-lhes um conjunto de ferramentas que lhes permite personalizar as suas páginas e formatar as suas mensagens. De acordo com o que explorámos, podemos publicar textos, fotografias e imagens, citações, *links*, diálogos, sons áudio e vídeos e, ainda, receber e enviar comentários às publicações, que nos foi muito útil para refletirmos aquando da partilha dos escritos. De entre as possibilidades de personalização, destacamos os espaços para atribuir um título e uma descrição ao blogue, a criação de um avatar e a definição de um tema para a página. Já na formatação de texto, as possibilidades são escrever a negrito e/ou a itálico, definir um subtítulo, colar um *link*, rasurar a escrita, escrever sob a forma de lista e definir marcas de parágrafo. Relativamente à gestão do blogue, consideramo-la bastante simples. As ferramentas de gestão encontram-se do lado direito da página principal e permitem-nos aceder à visualização das nossas publicações, tal como outros utilizadores as veem, ter acesso aos blogues dos nossos seguidores e aceder às ferramentas de personalização da página. A isto seguem-se a pesquisa e as recomendações de blogues populares, bem como um radar, que sugere páginas de utilizadores que se encontram *online*. Além das potencialidades já mencionadas, o *Tumblr* permite a exploração de outros recursos tecnológicos, através de publicações feitas pelos seus utilizadores.

¹ O Wordle, © 2014 de Jonathan Feinberg, encontra-se disponível em <http://www.wordle.net/>.

² *Tumblr* é uma plataforma para disponibilização de blogues, disponível em <https://www.tumblr.com/>



Figura 2 – Aspeto geral do Tumblr criado

É nossa convicção que o *Tumblr* e o *Wordle* foram recursos muito úteis ao desenvolvimento do nosso projeto e da nossa investigação, já que nos permitiram, respetivamente, partilhar assuntos vários, manter a nossa singularidade nas publicações e explorar, sob uma perspetiva tecnológica, materiais que, outrora, nos eram apresentados sob uma forma mais tradicionalista.

IV. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste enquadramento teórico, procuraremos tratar, brevemente, dois aspetos: o papel das TIC na aprendizagem e os seus possíveis contributos para o enriquecimento do trabalho de grupo. A Educação é uma das áreas influenciadoras e modificadoras da sociedade que mais alterações tem experimentado. Quando o processo de ensino-aprendizagem se foca no aluno, baseamos-nos num panorama essencialmente construtivista, no qual o aluno constrói o seu conhecimento, mobilizando conhecimentos prévios, enquanto o professor atua como facilitador do ambiente de aprendizagem (Piaget, 1973). Este conceito de aprendizagem evoluiu para o construtivismo social – ou socioconstrutivismo – onde a aprendizagem é orientada para uma participação social, encarando os indivíduos como agentes sociais ativos e participantes nas várias comunidades de prática, ou espaços sociais, onde se integram (Grácio, Moreira, & Rodrigues, 2013, p. 122). Em prol desta interação e no intuito de se promoverem aprendizagens e competências, são propostas tarefas que envolvem o trabalho em conjunto, seja a pares ou em grupos de maiores dimensões: por outros termos, o trabalho de grupo que muitas vezes fizemos enquanto estudantes. Entendemos o trabalho de grupo como uma colaboração entre intervenientes, em que possuem os mesmos objetivos e um produto final posterior em comum. Segundo Romanó (2003) apud Souza & Schneider (2012), é através da colaboração que é possível “reforçar a ideia de que cada aluno é um professor, diminuindo os sentimentos de isolamento e receio da crítica, aumentando a confiança, a autoestima e a integração no grupo”

(p. 2103). Concordando com esta ideia, Melo-Pfeifer (2010) acrescenta que emerge uma “inteligência coletiva e de uma responsabilidade partilhada na gestão e produção de ações e de conhecimentos” (p. 217). Por conseguinte, tendo em conta que as TIC são inseridas no decurso educativo de forma a enfatizá-lo, Patrício & Gonçalves (2010) afirmam que as tecnologias Web 2.0 potencializam o trabalho educativo através de estratégias pedagógicas que envolvam a utilização de *software* social, que os alunos usam no seu quotidiano para o seu lazer, com ferramentas que viabilizam a flexibilização de contextos de aprendizagem (individual e cooperativo).

O intuito deste trabalho com o *software* social é ensinar os alunos (logo, que estes aprendam) a trabalhar, pensar, cooperar, partilhar e construir o seu conhecimento no ciberespaço – ciberconstrutivismo (Patrício & Gonçalves, 2010). “Assim, urge integrar novas propostas de utilização dos recursos tecnológicos às práticas pedagógicas, fazendo do ambiente escolar um local de pesquisa, ensino e colaboração” (Souza & Schneider, 2012, p. 2104). As redes sociais e plataformas *online*, como ferramentas tecnológicas, possuem um carácter social fortemente influenciador e permitem-nos comunicar e relacionar num contexto informal, atrativo e catalisador de reações (Patrício & Gonçalves, 2010, p. 593). Neste sentido, os recursos tecnológicos possibilitam-nos transformar o processo de ensino-aprendizagem para um processo de práticas mais adaptáveis e flexíveis, visto que nada na área educativa é previsível ou constante.

A metodologia de trabalho de projeto orienta-se por estes princípios. Castro & Ricardo (1993) afirmam que uma metodologia de trabalho de projeto “é um método que requer a participação de cada membro do grupo, segundo as suas capacidades, com o objetivo de realizar um trabalho conjunto, decidido, planificado e organizado de comum acordo” (p. 9). Os projetos devem despontar do interesse e necessidades dos alunos e seguem uma sequência de etapas nas quais os alunos são os principais atores e onde o professor gere consensos, orienta e problematiza. Os alunos, de forma negociada e consensual, tomam decisões sobre o *que* e *como* aprender, responsabilizando-se pela realização e avaliação das atividades planificadas, sendo intervenientes ativos em todas as fases de desenvolvimento do projeto. A aprendizagem surge por descoberta intencional dos próprios atores e consiste na aquisição de conhecimentos, atitudes e valores

fundamentais à vida numa sociedade democrática. Vasconcelos et al. (2012) referem que a última fase do trabalho de projeto é constituída pela socialização do saber, tornando útil aos outros as aprendizagens efetuadas. Essa partilha pode ser efetuada dentro da própria sala de aula ou incluir salas de jardim de infância, outras turmas da escola ou mesmo da comunidade envolvente e pode tomar forma numa exposição, numa conversa, num filme ou noutra suporte que o grupo considerar pertinente.

V. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO DO PROJETO

Os factos sobre os quais refletimos neste documento iniciam-se numa sala de aula e tomam a forma de uma pequena comunidade que se estende para além dela com suporte nas tecnologias. Perceber as razões pelas quais estas estudantes descubram as vantagens do seu trabalho de grupo parece-nos que se pode enquadrar numa perspetiva de reflexão sobre a prática quer na qualidade de estudantes quer na qualidade de jovens professoras. Trata-se, no fundo, de uma reflexão retrospectiva da ação para a analisar (Alarcão, 1996) e, se necessário, a reajustar. Colocamo-nos numa perspetiva de refletir em ação e sobre a ação, tentando compreender-nos melhor no nosso desempenho profissional, mas também procurando melhorá-lo (Oliveira & Serrazina, 2002).

A. *Intervenientes*

Os principais intervenientes nesta investigação são as estudantes, mas consideramos também que a docente da UC teve igualmente um papel na investigação porque todas adotaram uma perspetiva reflexiva sobre a sua prática. Na verdade, as estudantes procuraram adaptar as propostas da docente, de acordo com a necessidade premente de partilha de reflexões relativa ao seu desempenho profissional. A docente procurou responder a essas necessidades, adaptando as suas propostas ao que lhe parecia ser um fator motivador para o trabalho: entrelaçar as suas propostas de utilização educativa das TIC com as necessidades que os seus estudantes verbalizavam.

B. *Recolha de dados*

A recolha de dados foi efetuada ao longo de todo o processo. Iniciou-se na sala de aula no decurso

das sessões de trabalho conjuntas. Nestas sessões a docente foi registando os comentários feitos pelas estudantes, as dificuldades que mencionavam ou os sucessos que iam atingindo. A sessão de apresentação do trabalho teórico decorreu em sala de aula e estiveram presentes só as três autoras do trabalho e a docente. Foi um momento muito rico de partilha de sucessos e dúvidas, pois permitiu perceber algumas das razões que levaram as estudantes a optar por um espaço *online* para partilhar as suas reflexões. Foi, ainda, o momento em que as estudantes verbalizaram, com muito entusiasmo, que tinham percebido o verdadeiro significado do trabalho de grupo, em que se tinham empenhado e durante o qual tinham, de facto, aprendido nesta pequena comunidade. A recolha da documentação produzida pelas estudantes e publicada no seu blogue do *Tumblr* tomou a forma de diário de investigação, onde foram partilhadas todas as suas reflexões.

VI. RESULTADOS OBTIDOS

As sessões de discussão dos textos em sala de aula foram sempre muito participadas pelos elementos do grupo, que deixavam transparecer alegria pelas descobertas feitas ao longo das leituras. Essas descobertas eram, muitas vezes, coisas simples que se relacionavam com a utilização das tecnologias que já faziam parte do nosso quotidiano, mas dando-lhes uma perspetiva de aprendizagem, nas quais refletíamos sobre o seu potencial para os futuros alunos. Mais do que isso, éramos capazes de perspetivar novas situações de aprendizagem para os nossos alunos, pois ao direcionarmos as diversas tecnologias para as crianças e ao vocacionarmos diretamente a sua manipulação, estaríamos a transformar ideias e a construir genuínas situações didáticas. Ao longo destas sessões, surgiram também muitas dúvidas sobre o modo de organizar atividades, mobilizando as tecnologias ou os problemas que poderiam surgir derivados da sua utilização em sala de aula.

Com o início do estágio, as conversas presenciais encaminhavam-se, muitas vezes, para as atividades que iam fazer com os seus alunos ou que estavam a pensar planear. Aqui as tecnologias estavam muitas vezes ausentes porque em nenhuma das salas de estágio havia boas condições de trabalho com elas. Apesar disso, as estudantes foram dando utilidade aos poucos recursos existentes (um quadro interativo ou um computador pessoal). Ao analisarmos o nosso espaço *online*, observamos uma necessidade

constante de expressão de sentimentos, medos e ansiedades que tínhamos antes de iniciarmos o estágio. Consequentemente, cada uma de nós escrevia textos, onde expunha o que estava a sentir e partilhava verdadeiramente o que estava no seu âmago. Note-se as ansiedades partilhadas antes do estágio onde cada uma de nós escreveu um texto em que estão patentes as características enunciadas:

Quero iniciar esta nova fase porque gosto de me cruzar com novos desafios e, ao mesmo tempo, de me sentir em apuros. Gosto de testar os meus limites, aprender com as minhas falhas e louvar as minhas glórias.

As perguntas flutuam na minha cabeça: Serei uma boa professora?; “Será que vão gostar de mim?; Estarei preparada para estar em frente a uma turma e a assumir todas as responsabilidades que isso acarreta?

A escola e formação não são tudo para mim, mas sugam-me a vida pela importância que lhes dou. Vou procurar conseguir relacionar-me com as pessoas, trabalhar com todos e aventurar-me pelo mundo do ensino - que tanto me fascina e frustra **pelos dias de hoje!**

Revelámos aflições inerentes à profissão, partilhando sem receios a ansiedade que possuíamos. Ao lermos o que todas sentíamos e ao compreendermos que estávamos todas na mesma situação, apoiámo-nos umas às outras. O facto de nos revermos na situação do outro, constituiu um grande alívio e foi o mote para continuarmos todo o nosso trabalho. Este foi sempre elaborado de uma forma espontânea, nunca consistindo numa obrigação pertencente a um trabalho académico, mas numa aprendizagem sistemática do que é trabalhar em grupo, verdadeiramente. Na fase seguinte, já com o estágio a decorrer, foram outras as ansiedades partilhadas. Nota-se que a aprendizagem tem dois sentidos, por um lado é importante conquistar os alunos e trabalhar arduamente para que aceitem as estagiárias também como professoras, mas, por outro lado, a nossa situação de início de desempenho da profissão é também uma situação de aprendizagem. Eis algumas partilhas que ilustram esta fase.

[...] empenho-me muito na mediação das aprendizagens destes alunos. Eles têm capacidades e gostam de pertencer à turma e, por isso, o trabalho a pares e em grupo é muito importante.

Mas uma coisa é certa, vou tentar dar o meu melhor e espero mesmo que estas crianças

aprendam algo comigo porque eu tenho aprendido imenso com elas.

Fui aceite numa turma de 19 preciosidades, cada uma com um brilho diferente. Nenhuma brilha mais que outra, porém têm cores diversas. E as cores, por si mesmas, têm comprimentos de onda – também – variados [...]. Contudo... todas nos chegam.

Depois de muitos escritos e inúmeras publicações, o ritmo das partilhas foi gradualmente diminuindo, até que deixámos de publicar. Discutimos em sala de aula o que estava a acontecer e construímos a ideia de que a sobrecarga de trabalho era tão grande que só havia tempo para construir o indispensável. Esta perspectiva pareceu-nos credível porque, analisando a organização de uma semana, havia três dias em que éramos estagiárias, dois em que éramos estudantes a tempo inteiro e restavam outros dois (os do fim de semana) destinados fundamentalmente à preparação dos três dias em que éramos estagiárias. Parece-nos também importante refletir um pouco sobre o trabalho *online*. O *Tumblr* revelou-se uma plataforma de fácil uso com versatilidade de formatação e correspondeu a todas as nossas ideias. O facto de dispormos de um espaço *online* que podíamos ir utilizando mesmo sem contacto presencial foi muito útil por sabermos que “alguém do outro lado da linha” nos ia responder com ansiedade semelhantes e talvez até com conquistas que facilitassem o nosso trabalho de estagiária.

Para além da plataforma *Moodle*, do *Facebook* e do *Tumblr*, cremos que fará sentido mencionarmos o correio eletrónico ou *e-mail* (*electronic mail*). Através deste sistema de correio digital, o trabalho expandia e ganhava forma simultaneamente com comentários de incentivo ou alerta de alterações do mesmo, por cada uma de nós. O *e-mail* é uma ferramenta já tão comum no nosso quotidiano (académico ou não) ao ponto de quase não nos apercebermos do seu potencial nos trabalhos de grupo. É um sistema que nos permite contactar com outrem e partilhar ficheiros anexados na mensagem – o qual é extremamente facilitador na execução de qualquer projeto com vários intervenientes. Seria possível utilizarmos outras ferramentas *online* de comunicação e partilha de ficheiros, como a plataforma *Dropbox*, o *Evernote*, entre outros. Porém e como já referimos, utilizamos o *e-mail* tão comumente e com tanto à-vontade que não encontramos sentido em procurar outras ferramentas digitais para o mesmo efeito. Outra tecnologia que nos facilita o contacto enquanto grupo é, sem dúvida, o

telemóvel. Este dispositivo portátil é utilizado veementemente, nos dias de hoje, tanto pelos nativos digitais e os seus antecessores. Apesar do trabalho ser comentado e alterado por cada uma e, em seguida, enviado por *e-mail*, comunicávamos via *SMS (short message system)* para nos avisarmos mutuamente que tínhamos enviado a nossa versão modificada do documento.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características da turma, em particular a sua pequena dimensão, facilitaram a interação entre nós e a professora. Por outro lado, a possibilidade de incluir num trabalho teórico os aspetos mais significativos para nós naquela época – a inserção na prática profissional – foram fatores que nos envolveram mais no trabalho e que lhe deram sentido. A proposta do trabalho foi feita inicialmente pela professora, mas foram as estudantes que a desenvolveram e adaptaram às suas necessidades, dando-lhes novos contornos, bastante pessoais, como referem os defensores do trabalho de projeto. Houve ainda uma transformação do abstrato para o real, pois os problemas do dia-a-dia e a necessidade de partilha sentida deram significado ao trabalho e transformaram-no em algo de interessante e útil. Estas interações sociais constantes permitiram, assim, “um processo de desenvolvimento dos indivíduos nos contextos sociais de pertença, inscrevendo-se na conceção de que os sujeitos evoluem a par dos grupos, influenciando-se e modificando-se mutuamente (...)” (Santana, 2013, p. 53). A partilha *online* de ideias, sentimentos, pensamentos e formas de trabalhar revelou-se, no curto período de investigação, uma mais-valia para a reflexão pessoal e conjunta sobre as práticas pedagógicas de cada uma, compactuando com o trabalho colaborativo entre nós. É o sentimento de pertença e a parceria que nos fez reconhecer o valor da colaboração e do trabalho entre colegas. Nós, enquanto estudantes há já mais de metade das nossas vidas, nunca conseguimos apreciar o trabalho de grupo. Nunca tínhamos experienciado as suas potencialidades em pleno, visto que nós e os restantes colegas possuíamos diferentes perspetivas sobre o empenho a ter durante um projeto. Ao longo do nosso percurso escolar, os nossos trabalhos eram concretizados mais pelo stress, transtorno, desordem e pura força de vontade, do que pelo entusiasmo, contributos e participações. A cumplicidade desenvolvida foi um dos aspetos interessantes deste projeto, pois pudemos aconselhar-nos reciprocamente sob uma perspetiva menos formal, isto é, não tínhamos em

vista somente a inovação na prática e os resultados que dela pudessem decorrer, mas, também, a preocupação com o bem-estar de cada uma e a troca de ideias personalizáveis à nossa unicidade. A parceria manteve-se, desde então, pelo que o desenvolvimento do projeto constituiu, até à data, momentos de prazer e de crescimento académico/profissional nas nossas vidas e, conseqüentemente, uma entrega pessoal, inerente a uma exposição dos nossos sentimentos através da partilha *online*. Finalmente, descobrimos o que é o trabalho de grupo! Conseguimos apreciá-lo. Enfim, renunciámos à necessidade de liderar os colegas, demitimo-nos de dirigentes e organizadoras de trabalhos. Começámos a cooperar e a discutir construtivamente; conseguimos que cada uma confiasse nas outras duas colegas para que resultasse um trabalho de qualidade e com empenho e tratámos de nos organizar em conjunto, partilhando perspetivas e ideias.

Por fim, surge-nos uma epifania no término de diversos trabalhos e projetos, ao que compreendemos que alcançámos uma realidade que sempre procurámos no nosso percurso: deixámos de ser líderes, principiámos como parceiras. No decurso do nosso trabalho, todas as sugestões tinham o propósito de melhorar as nossas prestações. A participação equitativa de cada uma de nós trazia novas ideias e acrescentava qualidade ao trabalho, o que contribuiu para aumentarmos a confiança e cumplicidade entre nós. As trocas de ideias e sugestões de melhoria aconteciam ao longo dos dias, consoante a disponibilidade de cada uma, e a vontade de contribuir significativamente para o trabalho era notória porquanto o nosso entusiasmo era crescente, à medida que o projeto ia sendo desenvolvido. Quando um trabalho se desenvolve com gosto, deixa de ser uma obrigação com a necessidade de cumprimento num determinado prazo, passando a ser encarado como um desafio, onde as aprendizagens acontecem ao longo de todo o seu desenvolvimento e se multiplicam com os contributos assertivos de todos os elementos interessados. A leitura dos textos impulsionadores do desenvolvimento do nosso trabalho foram bastante úteis, na medida em que refletimos sobre imensas questões relacionadas com a Educação e as TIC e aperfeiçoámos o nosso poder de argumentação. As capacidades de refletir e argumentar tornam-se, assim, fundamentais no desenvolvimento de qualquer projeto, assumindo uma necessidade acrescida no desenvolvimento de trabalhos em grupo, onde, neste caso, três alunas se encontraram e partilharam as suas ideias e sugestões, havendo, por isso, necessidade de

analisar prós e contras de determinadas escolhas e, conseqüentemente, negociações. A título de exemplo, fazemos referência ao *Facebook versus Tumblr*. Nesta fase do projeto, não refletimos sobre as duas possibilidades de escolha para a partilha *online* dos assuntos já mencionados anteriormente. Enquanto utilizadoras da Internet, todas possuíamos conta no *Facebook*, desconhecendo, no entanto, algumas das suas ferramentas que ponderámos utilizar para o nosso projeto. O *Tumblr*, por sua vez, era-nos totalmente desconhecido. Por este motivo, foi necessário explorar as potencialidades de cada uma das ferramentas e, só depois, analisá-las de acordo com as nossas necessidades e os objetivos definidos. É neste sentido que o desenvolvimento deste projeto se tornou especial. As aprendizagens surgiram de experiências práticas e da partilha de ideias e sugestões entre todos os elementos do grupo. Todas, sem exceção, objetivámos alargar os nossos conhecimentos e aproximarmo-nos do mundo complexo que é a Educação, aprendendo a partilhar, a refletir e a argumentar em prol de nos aperfeiçoarmos enquanto futuras profissionais da área, mas, também, enquanto pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Alarcão, I. (1996). Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores. In I. Alarcão (Org.), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão* (pp. 9-39). Porto: Porto Editora.
- [2] Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- [3] Castelano, K. L., Balduino, J. d., Espírito Santo, J. A., & Almeida, J. M. (2012). Twitter como alternativa para o ensino de Língua Portuguesa. II Congresso Internacional TIC e Educação, pp. 1012-1022.
- [4] Castro, L. B., & Ricardo, M. M. C. (1993). *O Trabalho de Projecto*. Lisboa: Texto Editora.
- [5] Correia, C. (2013). Desenvolvimento profissional num grupo cooperativo online. *Escola Moderna - Revista do Movimento da Escola Moderna*, pp. 84-97.
- [6] Costa, F. A. (2007). A aprendizagem como critério de avaliação de conteúdos educativos on-line. *Cadernos SACAUSEF* (2), pp. 45-54.
- [7] Cruz, S. C., & Carvalho, A. A. (2010). Modelo ITIC: uma possibilidade para a integração curricular das TIC na escolaridade básica. I Encontro Internacional TIC e Educação, pp. 381-388.
- [8] Gil, H. (Maio de 2014). As TIC, os Nativos Digitais e as Práticas de Ensino Supervisionadas: um novo espaço e uma nova oportunidade. III Conferência Internacional - Investigação, Práticas e Contextos em Educação, pp. 89-95.
- [9] Melo-Pfeifer, S. (2010). Marcas discursivas de co-construção do conhecimento: um estudo dos fóruns de discussão de uma comunidade de desenvolvimento profissional. Em A. I. Andrade, & A. S. Pinho, *Línguas e educação: práticas e percursos de trabalho colaborativo. Perspectivas a partir de um projecto* (pp. 215-228). Aveiro: Departamento de Educação - Universidade de Aveiro: Campus Universitário de Santiago.
- [10] Oliveira, I. & Serrazina, L. (2002). A reflexão e o professor como investigador. In GTI (Org.), *Refletir e Investigar sobre a prática profissional* (pp. 29-42). Lisboa: APM.
- [11] Patrício, M. R., & Gonçalves, V. (2010). Facebook: rede social educativa? I Encontro Internacional TIC e Educação, pp. 593-598.
- [12] Paulus, P. (2013). Na escola, com as pessoas da escola (voltando ao "velho" diário profissional). *Escola Moderna - Revista do Movimento da Escola Moderna*, pp. 76-83.
- [13] Piaget, J. (1973). *The child and reality: Problems of genetic psychology*. New York: Grossman.
- [14] Rodrigues, M. R., Moreira, A. & Grácio, J. (Novembro de 2013). Uma história coletiva, a Web 2.0 e os computadores Magalhães: uma aliança em vias de extinção. XIV Simpósio Internacional de Informática Educativa, pp. 121-126.
- [15] Santana, I. (2013). O trabalho coletivo participado em debate. *Escola Moderna*, pp. 51-58.
- [16] Souza, A. A., & Schneider, H. N. (2012). Aprendizagem colaborativa nas redes sociais: novos olhares sobre a prática pedagógica. II Congresso Internacional TIC e Educação (pp. 2100-2111). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- [17] Utsumi, L. M. (jul/dez de 2006). É possível formar professores reflexivos que possam situar-se em níveis da realidade escola? *Academos - Revista Eletrônica da FIA*, II, pp. 69-77.
- [18] Vasconcelos, T., et al. (2012). Trabalho por projectos na Educação de Infância: mapear aprendizagens/integrar metodologias. Direção Geral da Educação. (Ed.). Consultado em julho de 2015 a partir de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/trabalho_por_projeto_r.pdf